

RAIVA HUMANA: FATORES PARA SUA REEMERGÊNCIA

Congresso Iberoamericano de Saúde Pública Veterinária, 2ª edição, de 10/08/2020 a 15/08/2020
ISBN dos Anais: 978-65-86861-21-1

PENHA; Maria Ruth Gonçalves da¹, COELHO; Andressa Alencar², PEREIRA; Maysa Fernandes³, SALES; Larissa Bruna de Oliveira⁴, GADELHA; Maria do Socorro Vieira⁵

RESUMO

Introdução: A raiva é uma zoonose comumente transmitida ao homem pela mordedura de um mamífero infectado, incluindo os domésticos e selvagens, especificamente através do contato da saliva com o ferimento ou das membranas mucosas. O presente trabalho teve por objetivo abordar a gravidade da Raiva Humana e analisar aspectos da sua reemergência, especialmente envolvida por animais silvestres no Brasil. **Métodos:** Foi realizada uma revisão bibliográfica através da literatura online disponível free, utilizando o banco de dados do Google Acadêmico, Scielo e Biblioteca Virtual em Saúde. **Resultados e discussões:** A doença é causada por um vírus de RNA em formato de bastão e apresenta dois antígenos principais: um de superfície, constituído por uma glicoproteína, responsável pela formação de anticorpos neutralizantes e adsorção vírus-célula, e outro interno, constituído por uma nucleoproteína, que é um grupo específico. A transmissão ocorre quando o vírus da raiva, do gênero *Lyssavirus*, presente na saliva do animal infectado penetra no organismo, multiplicando-se no local de inoculação e alcançando a inervação periférica, disseminando-se para o Sistema Nervoso Central, chegando ao cérebro e posteriormente a vários órgãos e glândulas salivares, replicando-se e sendo eliminado na saliva das pessoas e animais infectados. Os primeiros sintomas apresentados como febre, dor de cabeça e mal estar podem ser confundidos com outra doença viral. Existem duas formas principais de manifestação rábica em humanos, a parálitica e a espástica. Os principais sintomas clínicos da forma espástica são distúrbios comportamentais, hiperatividade, espasmos fóbicos ou inspiratórios e disfunções do sistema nervoso autônomo. A forma parálitica apresenta flacidez ascendente paralisia com arreflexia e distúrbios do esfíncter que podem ser confundido com a síndrome de Guillain-Barré. Eventualmente o vírus progride até a completa falha do Sistema Nervoso, ocasionando rápida morte. Desde 2004, os morcegos hematófagos se tornaram o principal vetor da raiva na América Latina e, em particular, no Brasil. No ano de 2018, foram registrados 11 casos de raiva em humanos no Brasil com histórico de expropriação por morcegos. Historicamente, os principais fatores de risco para disseminação da raiva no Brasil são a ocupação desordenada e modificações ambientais, que levam os morcegos a migrarem para outras áreas em busca de alimento e a oferta de abrigos artificiais para animais silvestres (túneis, cisternas). No ano de 2019, foi registrado um caso de raiva em humanos no Brasil, no município de Gravatal-SC, transmitido por felino infectado com transmissão secundária. Em 11 de março de 2020, o primeiro caso de raiva humana foi registrado no Brasil, em um adolescente de 14 anos, no município de Angra dos Reis-RJ, transmitido, de forma secundária, por morcego infectado. Outro caso de raiva ocorreu em junho de 2020 que foi reportado o caso clínico de uma paciente de 68 anos, residente do estado da Paraíba, mordida na mão por uma raposa, e, devido ao grau do ferimento, foi necessário realizar a amputação do membro. A partir dos sintomas causados pelo vírus rábico, custos decorrentes do tratamento pós-exposição e da assistência médica revela-se a seriedade e importância que precisa existir no combate a essa doença. Nos últimos anos, apesar da contaminação canino-humano ter diminuído, graças às campanhas de vacinação, ainda é presente muitos casos decorrentes de acidentes envolvendo animais silvestres, uma vez que a atuação antrópica modifica

¹ Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Cariri, maria.ruth@aluno.ufca.edu.br

² Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Cariri, andressaacoelho@hotmail.com

³ Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Cariri, maysafermandesp@gmail.com

⁴ Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Cariri, larissaoliveira171101@gmail.com

⁵ Docente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Cariri, maria.socorro@ufca.edu.br

os ambientes naturais dessas espécies. Assim, torna-se necessário uma maior atuação na área de Saúde Única com finalidade de estabelecer uma relação saudável entre ambiente-humano-animal e de promover medidas de melhor prevenção de tal enfermidade.

PALAVRAS-CHAVE: Raiva, Reemergência, Silvestres,

¹ Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Cariri, maria.ruth@aluno.ufca.edu.br
² Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Cariri, andressaacoelho@hotmail.com
³ Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Cariri, maysafermandesp@gmail.com
⁴ Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Cariri, larissaoliveira171101@gmail.com
⁵ Docente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Cariri, maria.socorro@ufca.edu.br